

Domingos Caldas Barbosa

Do extincto LERENO o rosto
 Se divisa em morta cor,
 Mas sua alma em seus escriptos
 Se conhece inda melhor.

Estes singelos versinhos, de autor anonymo, postos na *agua forte* tambem anonyma, que transmittio á posteridade as feições do vate fluminense, dão o mais tocante testemunho de quanto as suas nobres qualidades eram aquilatadas por aquelles que as conheciam de perto. Com effeito, Domingos Caldas Barbosa, na opinião de todos os seus biographos, foi uma alma candida de um poeta meigo, dotada de uma sensibilidade extrema.

Comquanto o conego Januario da Cunha Barbosa¹, sobrinho do nosso poeta e seu pri-

¹ No *Parnaso Brasileiro*, T. I, e na *Revista do Instituto Historico*, T. IV, pags. 210.

meiro biographo, nos informe ter elle nascido á bordo de um navio negreiro², em pleno oceano, e o Sr. conselheiro Pereira da Silva³ affirme, não sabemos com que fundamento, que Caldas Barbosa é natural da Bahia; asseguram comtudo o visconde de Porto Seguro⁴ e Innocencio Francisco da Silva⁵, ter elle nascido nesta cidade do Rio de Janeiro

² « Meu tio, diz o conego Januario (assim nos informou um parente ainda vivo deste nosso poeta), não era preto nem branco; nem da Africa nem da America; mas era um homem de muitos talentos, e de virtudes sociaes: expliquemos estes ditos. O pai de Domingos Caldas Barbosa, depois de inuitos annos de residencia em Angola, regressava para o Rio de Janeiro, e em sua companhia vinha uma preta gravida, que na viagem deu a luz ao nosso Caldas. »

³ *Varões Illustres do Brazil*, T. II, pags. 329.

⁴ Na *Rev. do Inst. Hist.*, T. XVI, e *Florilegio da poes. braz.*, T. II, pags. 455.

⁵ *Dic. Bibliog. Port.*, T. II, pags. 387.

em 1740 ; pois na opinião destes escriptores, embora sejam muito aceitaveis as informações dos parentes, não menos devem ser as palavras do proprio poeta que em mais de uma passagem de suas composições assim o confirma.

O visconde de Porto Seguro, contrapondo-se á asserção do conego Januario, diz que: « esta informação cahiria só por si diante das pessoas da familia de seu protector e do de J. Agostinho de Macedo que affirmam que elle era filho do Brazil. » Por minha vez parece-me que entre a familia do protector e a do protegido, têm os membros desta elementos para dar mais autorizado voto na questão ; por isso inclino-me a crer que Caldas Barbosa nascesse, como diz seu sobrinho, á bordo e talvez já nas aguas do Brazil, embora o contrario affirme o poeta quando diz que :

Por cima da infeliz choça
Gralha agoureira se ouviu;

pois isto bem póde não passar de méra ficção poetica. Até o presente, que eu saiba, não foi ainda encontrado o respectivo assento de baptismo, mas mesmo que o fosse nos registros de nossas parochias, isso nada provaria, porquanto nos casos de Domingos Caldas Barbosa está o illustre artista Bethencourt da Silva, que nascido tambem á bordo de um navio foi, no entanto, baptisado na freguezia de Nossa Senhora da Gloria, desta cidade.

Mas quer nascesse o bom Lerenó á bordo quer em terra, a sua patria é o Brazil, pois foi neste meio colonial que brotou o seu talento e formou-se o seu espirito.

Afirma o conego Januario que o pai de Caldas Barbosa o perfilhára, naturalmente no acto do lançamento do baptismo, como era então e o foi por muito tempo de uso entre os portuguezes, mesmo depois da independencia, até o tempo em que se promulgou a lei de 1841, que tornou os perfilhados dependentes de escriptura publica ou declaração testamentaria. E tanto foi o nosso poeta objecto das solitudes paternas, que em tenra idade entrou para o collegio dos jesuitas, onde fez ao que parece, brilhantemente os seus preparatorios.

Revezes da fortuna não permittiram talvez ao extremoso pai⁶, enviar de prompto o joven Caldas Barbosa ao reino á conquista da laurea universitaria ; e isto deu causa, a que o

⁶ Aos infortunios paternos allude o poeta claramente quando diz :

Herdei-lhe a infelicidade,
Mas honro a sua memoria.

travesso estudante começando a ensaiar as musas por satyras e epygrammas pessoais, atrahisse sobre si taes odios de victimas tão poderosas que conseguiram que o capitão-general Goines Freire de Andrade, conde de Bobadella, mandasse sentar praça ao novel satyrico, destacando-o para a colonia do Sacramento, onde curtiu elle amargas provações até que a invasão e posse desse territorio pelos hespanhoes, em 1762, forçou a retirada da guarnição portugueza para a séde do governo colonial.

De volta ao Rio de Janeiro, o dedicado pai obteve do austero governador geral a baixa do filho, sob condição talvez de ir para o reino estudar, pois quasi immediatamente para alli partio, apezar dos minguados recursos de que dispunha. « Ahi, diz o conego Januario, correu elle diversas fortunas, faltando-lhes os auxilios de seu pai, até que por felicidade succedeu ser apreciado no Porto pelos dous bem conhecidos amantes da litteratura, José de Vasconcellos (depois marquez de Bellas) e Luiz de Vasconcellos (depois conde de Figueiró), então desembargadores na Relação daquella cidade, os quaes fazendo justiça a seus talentos poeticos e musicos, o acolheram em sua casa, e o fizeram entrar no conhecimento e estima das pessoas mais gradas daquella cidade. »

Entre os varios lanços da fortuna de que falla o conego Januario, occorreu-lhe primeiramente o da noticia que inopinadamente recebeu da morte do pai, achando-se em Vianna do Castello, não se sabe se em casa de parentes ou em exercicio de algum emprego, pois apenas nos diz elle que :

Assim de remoto clima
Deixei do sul o cruzeiro,
Vi do norte a estrella em cima
Do muito maior luzeiro ;
Nas margens do claro Lima
Eu me vi orphão primeiro,
E então da fortuna opima
Vi o dia derradeiro.

O certo é que foi durante essa residencia em Vianna que elle compoz a sua bella ode a *Tempestade*, conforme os seus proprios versos, citados pelo visconde de Porto Seguro :


O torvo inverno sobre pardas nuvens
Caminha á foz do socegado Lima.

Por occasião da inauguração da estatua equestre d'El Rei D. José em 1775, foi Caldas Barbosa um dos que appareceram a festejar essa solemnidade com suas composições poeticas.

« Ao mesmo rei D. José dedicou Caldas a *Lebreida*, frouxa composição em 50 oitavas rimadas, que nem merece o nome de poema, e cujo assumpto foi uma caçada de lebres, presenciada pelo autor, que por esse preço ia ganhar talvez a protecção do monarcha, se não fallecesse este logo depois ⁷ : »

... .. quem diria
Quando o grande rei me honrou
E da facil poesia
Agradar-se assim mostrou;
Que de noite, que de dia
Gratamente me escutou;
E a real protecção pia
Franquear-me começou,
Que tão pouco viveria !!

Desta amarga queixa contra o destino que não cessava de perseguil-o, deprehende-se que Caldas Barbosa conseguira ser admitido á presença do rei, e talvez mesmo, para fazer-se ouvir ao som da melodiosa viola, que o tornou celebre nos saráus de Lisboa, em alguma noite de intima convivencia.

A inesperada morte de D. José se o deixou sem o seu Augusto, como pondera Porto Seguro, os seus méritos litterarios e docilidade de character não tardaram, como já sabemos, deparar-lhe o seu Mecenas na pessoa de D. José de Vasconcellos, que não contente de abrigal-o em seu palacio, fez ordenar, obtendo-lhe posteriormente  beneficio e o lugar de capellão da Casa da Supplicação.

A partir dessa época a vida de Domingos Caldas Barbosa deslisa-se serena, mansa e pacificamente; se algumas nuvens toldam-lhe o céu da poesia, são umas devidas a tristes recordações do passado e outras aos pungentes doestos de seus gratuitos inimigos que o ferem no ponto da maior susceptibilidade, *a sua côr*, a causa principal, o obstaculo unico á sua elevação na hierarchia social. Foi esse sempre o motivo do seu maior desgosto; a sua origem africana não só o humilhava perante a sociedade do seu tempo, como impedia-lhe seguir brilhantemente qualquer carreira publica

« Apresentado pelos irmãos Vasconcellos á alta sociedade lusitana, diz o Sr. Eduardo Perié ⁸, chegou a constituir-se uma necessidade para esta; tão peregrinos eram os seus improvisos, tão vasto o seu engenho, tão inexgotavel a sua inspiração e tão preciosas as suas *cantigas*, por elle mesmo acompanha-

das na guitarra, o que deu causa a que seus desaffectedos o appellidassem *cantor de viola*.

« Aquelles nobres não sabiam que os versos que os deleitavam, eram os queixumes de uma alma de poeta atirados á multidão; não comprehendiam que havia lagrimas nos accordes que elle arrancava do instrumento, não adivinhavam que aquelle ser condemnado a divertir as damas, vivia isolado, sem consolo nem ventura, sempre com o riso nos labios, sempre occultando as suas dores e afogando os suspiros nas notas de sua maviosa guitarra. »

Esse torvelinhar pelos salões a que se via forçado, já pela brandura do character incapaz de resistir a qualquer pedido, já pela embriaguez dos triumphos que de certo modo deviam satisfazer a sua vaidade, de ver-se oriundo da mais baixa condição recebido e festejado pela alta sociedade, necessariamente se popularisavam cada vez mais o cantor de modinhas, obliterava, na razão inversa, o poeta, pois a contingencia em que punha a imaginação de corresponder promptamente aos desafios de improviso exauria-lhe a inspiração para mais elevados comettimentos.

Não obstante, deixou elle algumas composições de maior folego que attestam a sua facilidade em metrificar e bem, e a correcção do estylo que só mui propositalmente adulterava para dar ás suas *cantigas* o sabor patrio, como quando ao som da inseparavel viola descantava :

Meu bem está mal com *eu*,
Gentes de bem pegou nelle,
Tape, tape, tipe, ti.

Mas eram estas trovas á viola que o tornavam celebre, querido e applaudido e com tão excessivo enthusiasmo, que o echo das palmas chegando a Paris aos ouvidos de Filinto Elyseo, o fazia dizer despeitado :

Os vizinhos anões e anão Nerinas
Do cantarino Caldas a quem parvos
Põem o alcunha de Anacreonte luso,
E a quem de Anacreonte fulo
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro Perú na alvura ao branco Cysne.

E esquecido da amizade e favor com que por algum tempo Caldas o tratára de perto, tambem Bocage, no auge talvez de pura inveja, dando ouvidos a intrigas que o exploravam contra o vate fluminense, exclamava :

⁷ Visconde de Porto Seguro, *Florilegio*, T. II, pags. 446.

⁸ *A Litteratura Brasileira nos tempos coloniaes*, pags. 247.

Dizem que Fabio Beltrão⁹,
Em Bocage ferra o dente,
E' forte admiração
Ver um cão morder a gente.

Estes apodos deviam doer] fundamente no coração de Caldas Barbosa, tanto mais quanto a sua proverbial bondade o tornava util a todos os companheiros de lides litterarias que precisavam de protecção, pois com uma gentileza exemplar repartia elle fraternal-

o erudito padre José Agostinho de Macedo, que assim o invocava :

Eia sublime, sonoro Caldas.
Improviso cantor, eu pulso a Lyra,
Que Apollo enastra de frondosa raina;
O fogo que respira
Nos versos teus com rutilante chamma,
Com que a voluvel fantasia escaldas,
Eu sigo ; e o vôo rapido que ergueste
Do ninho americano onde nasceste.



O CHEFE TAMOYO CUNHAMBEBE

mente a que lhe davam os seus poderosos admiradores.

Em compensação, outros poetas não menos notaveis que Filinto e Bocage o tinham em mais alta conta, entre os quaes se extremava

⁹ O verdadeiro verso parece ser este :
Dizem que Caldas glutão.

Merece o nosso poeta ser admittido na Arcadia de Roma com o nome de *Lereno* e presidir una outra Arcadia em Lisboa, da qual faziam parte os seus amigos e admiradores.

« Caldas Barbosa, diz Porto Seguro, era para com os seus collegas superior a todo o

sentimento de inveja ou de rivalidade. Procurava quanto podia o trato dos poetas, aos quaes rendia muitos serviços, fazendo valer suas relações cortezãs. E longe de os recomendar humilhando-os ao seu valimento, procurava occasião favoravel para o fazer com dignidade, e de modo que cada qual se apresentasse logo a pedir com o direito adquirido por seu comprovado merecimento. »

Da popularidade que gozou em Lisboa o festejado vate brasileiro, dá o mais eloquente testemunho o numero de suas *cantigas* que foram colleccionadas, logo após sua morte, em dous volumes, ornado um delles com o retrato que reproduzimos nestas paginas pelas proporções augmentadas do que fez Larré, a bico de penna, que se encontra na *Revista do Instituto Historico* ¹⁰.

Nada menos de 200 dessas produções ali se encontram, das quaes se pela qualidade não honram o poeta, pela quantidade provam o quanto era elle solicitado a produzi-las.

Mas, como opinam Porto Seguro e Ferdinand Wolff ¹¹, não é só por essas *cantigas* que se deve julgar do merecimento litterario de Caldas Barbosa; suas quintilhas, no genero das de Sá de Miranda, são muito estinaveis ;

alguns sonetos dexou elle dignos de passar á posteridade, bem como algumas odes originaes e traduzidas de Horacio ; as suas epistolas á Arminda sobre metrificacão recommendam-se tanto pela clareza como pelo valor didactico a sua historia sagrada, posta em versos rimados em parellhas, da qual se fizeram duas edições ainda em vida do poeta.

A versão da *Henriade* de Voltaire, publicada sob o nome do marquez de Bellas, D. José de Vasconcellos, seu protector, Innocencio Francisco, attribue com todo o fun-

damento a Domingos Caldas Barbosa, pois jámais constou que o seu Mecenas fosse poeta ou soubesse ao menos metrificar. E' um trabalho este de muito merecimento e digno de ser reivindicado á gloria do seu verdadeiro autor.

Domingos Caldas Barbosa falleceu a 9 de Novembro de 1890, no palacio da Bemposta, e foi sepultado na igreja parochial dos Anjos, em cujos registros está lavrado o respectivo obituario ; do qual o visconde de Porto Seguro, em 1850, obteve

uma certidão, sem ter porém ensejo de verificar se ainda alli existiam tão preciosos restos mortaes. Muito é para lastimar que das produções mais notaveis deste nosso poeta não se tenha feito uma edição condigna.

FELIX FERREIRA.



PADRE ANCHIETA

¹⁰ Tomo XIV.

¹¹ *Le Brésil Litteraire*, pags. 76.

O chefe tamoyo Cunhambebe

Ⓐ estabelecimento dos portuguezes no Brazil não foi tão placidamente conseguido como talvez imaginassem os seus primeiros colonos. Os numerosos habitantes que povoavam suas costas, embora a sua comprehensão

estivesse embotada pela selvageria em que viviam, passados os primeiros tempos de expectativa, comprehenderam que os invasores do seu territorio não deviam ser recebidos como senhores, e elles curvados, renderem-lhes preito e homenagem.

A guerra entre uns e outros, é certo, não foi como na America hespanhola, cheia de

horrores, lenta e porfiada, porque os selvícolas habitadores do Brazil não possuíam o grão de adiantamento como os habitantes do Mexico e do Perú, e porque a indole dos seus conquistadores, é facto incontestavel, não era para cruezas, e os meios empregados na conquista não foram barbaros como os exercidos pelos hespanhoes contra os miseros habitantes daquellas regiões.

Ainda assim o sangue correu em profusão na terra descoberta por Cabral.

Deve confessar-se que a razão estava com os filhos da terra de Santa Cruz.

Que direito tinham esses estrangeiros para lhes tomar as suas terras, de esbulhal-os, correl-os de seus lares, obrigando-os a servir-os, impor-lhes seus usos e costumes, as suas leis, contra o direito, contra suas vontades?

Dahi a luta, a guerra sem treguas, os continuos morticínios.

Cunhambebe, o altivo chefe tamoyo, estabelecido entre o Rio de Janeiro e S. Vicente, foi um dos selvagens que não deixou em descanso aos intrusos conquistadores. Unido a outros chefes habitadores da formosa Guanabara, trouxe em constante sobresalto a pequena colonia de S. Vicente.

Numerosas esquadras de possantes canoas de voga, tripoladas por vinte e trinta guerreiros cada uma, faziam continuos saltos aos lugares menos defensaveis, bem como espreitavam algum navio desgarrado ou pequeno comboio, para o assaltar em pleno mar, arrojando-se intrepidamente aos combates navaes de que em muitos foram victoriosos.

Alguns francezes que já frequentavam o Rio de Janeiro, os precursores dos que edificaram o forte de Villegaignon, e mais tarde os que se asylaram nas brenhas, escapos á tomada do mesmo forte por Mendo de Sá, muito instigavam os pobres filhos das selvas á guerra contra os portuguezes.

O bom senso de alguns chefes, porém, e os bons conselhos dos missionarios jesuitas, principalmente o padre Nobrega e o venerando Anchieta, muito contribuíram para que a guerra não fosse tão cruenta e que emfim a harmonia se restabelecesse, convencidos os mais reflectidos de que eram impotentes para se opporem ao estabelecimento dos invasores do seu torrão.

Anchieta, incansavel no seu apostolado, arrojava-se aos perigos em viagens longas e trabalhosas, entrauhando-se pelas virgens florestas em procura dos bellicosos filhos das selvas, afim de com a palavra e o exemplo de mansuetude e caridade, fallando-lhes em sua propria lingua, o guarany, mostrar-lhes os beneficos effeitos da paz e a brandura dos

costumes provenientes da religião do Martyr de Jerusalem.

Cunhambebe não foi insensivel ás praticas do venerando apostolo da paz e da religião. Ouvio attento o companheiro do padre Nobrega, e as pazes com os colonos de S. Vicente foram effectuadas, máo grado a opposição de muitos de seus guerreiros, que votavam pela guerra não só aos portuguezes como aos indios seus alliados.

«Cunhambebe, diz o visconde de Porto Seguro na sua primorosa *Historia do Brazil*, foi um dos chefes que dominavam, com a sua marinha de canoas, todos os reconcavos e angras, desde a dos Reis até a da ilha de S. Sebastião, o que mais fortuna conseguiu em suas tentativas, não só de arremettidas por mar as colonias de S. Vicente e de Santos, pela barra da Bertioga, e a esta mesma barra depois que teve fortaleza, como nos ataques e abordagens que ousava dar ás galés e caravelas que por ahi passavam sem artilharia, e até ás artilhadas e mui bem guarneçadas, que fundeavam e se descuidavam durante a noite. As primeiras victorias lhe tinham augmentado a audacia, e seu nome se repetia na colonia de S. Vicente e nas galés de toda a costa, com tanto terror como o do celebre Hariadan Barba-Roxa. Cunhambebe já não temia a artilharia, e de tal modo com ella se familiarizou que se contava que, havendo-se apoderado de dous falcões, os levava consigo carregados, e sobre os proprios hombros lhes dava fogo em retirada, se era necessario, aguentando elle o recuo.

«O escriptor francez André Thevet quiz-nos deixar deste temivel chefe tão exacta pintura que até o retrato possuímos, com a perfeição possivel de todos os dos personagens do tempo que incluiu na sua cosmographia. Era Cunhambebe bastante alto, membrudo e de horrenda catadura; levava furado e com um botoque no sentido vertical o labio inferior; nas orelhas arrecadas, não desproporcionadas, e ao pescoço um collar de buzios em volta dobre, do qual pendia, na dianteira, um grande caramujo. Era de feições grandes e grosseiras; as rugas da frente e das faces descobriam quantas vezes em vida conhecêra o perigo a que se arrojára. A expressão do rosto, podemos dizer, que respirava uma melancolia feroz.

«Todos os chefes dos contornos prestavam, como dissemos cega obediencia a este barbaro temivel, que era o primeiro a sacrificar-se na occasião do perigo, e que, apesar de implacavel sempre para os inimigos e orgu'hoso dos proprios feitos de um modo insupportavel, não deixava de prestar-se a certos armistícios com os navios portuguezes,

que, devidamente providos, vinham fazer resgates ou propor conciliações, como succedeu com os jesuitas, cuja roupeta aceitavam sempre, elle e os seus successores.

«Podemos ter uma perfeita idéa do que era o governo e o dictadorado de Cunhambebe pela peregrinação que ahi fez, como capitão, Hans Staden, o qual conseguindo escapar-se voltou a Hesse, sua patria, e em Marburg publicou em allemão a narrativa do quanto soffrêra e observára, e merece que lhe dediquemos algumas linhas.

«Staden, que pela segunda vez viajava para estas paragens, havendo estado da primeira vez em Pernambuco (donde fôra, como vimos, de soccorro a Igaracú), havia sido um dos naufragos da mallograda expedição do hespanhol Senabria, e em S. Vicente se aposentára em casa do seu patricio Heliodoro

Eoban, filho do poeta allemão deste appellido e feitor do engenho do genovez José Adorno. Mandado por Thomé de Souza para servir de bombardeiro na fortaleza da Bertioga, um dia, que se descuidou pelo mato, foi assaltado pela gente de Cunhambebe.

«Despiram-o, levaram-n'o por mar a Ubautuba, então simples aldeia de indios, onde, depois de lhe rasparem as sobrancelhas e cortarem-lhe as barbas, lhe fizeram a cerimonia do *poracé*. Ahi ficou por escravo do chefe Ipiruaçú, ou tubarão grande, e passou a ser apresentado a Cunhambebe, que se desvanecia ao ouvir da propria boca do prisioneiro quanto o seu nome era conhecido e temido na terra de *Morpion* ou de S. Vicente.»

O retrato de Cunhambebe que damos aos nossos leitores é cópia fiel do que nos transmittio André Thevet.



O PAÇO MUNICIPAL

Ⓐ moderno edificio da municipalidade da côrte, inaugurado a 2 de Dezembro de 1882, cuja vista damos neste numero, não é nenhuma obra prima, ainda que mais vasto que o antigo todo de dous pavimentos, ao passo que o novo tem um terceiro, no corpo central, que quebrando a manotonia do enquadramento, tira-lhe a fórma de caixa que tinha o velho.

Desde o embazamento até a altura das sacadas é exteriormente de cantaria, tanto na face principal como nas lateraes, que olham para as ruas de S. Pedro e do General Camara. Dalli para cima, sómente as portadas é que são de pedra lavrada, as paredes são de alvenaria e toda a ornamentação de gesso pintado, em harmonia com a côr das paredes.

O corpo central remata pelas armas da cidade com a corôa mural, levantando-se aos lados quatro grandes estatuas de marmore branco, symbolisando o Commercio, a Industria, as Artes e a Agricultura.

Tres grandes portas em arco pleno dão accesso ao saguão; pela face principal, no corpo do centro; sendo todas tres fechadas por portas vazadas, de bronze. Nas faces lateraes ha duas portas com escadaria exterior, de granito.

Interiormente, o edificio apresenta um aspecto mais agradável, ainda que as pinturas deixem muito a desejar.

Uma das cousas que mais impressiona a quem entra é a bella escada principal, de armação de ferro e degrãos de marmore, com guardas de bronze artisticamente floreadas, com seis grandes estatuas, tambem de bronze, postas duas ao nivel de cada um dos tres pavimentos, sustentando grandes lampeões que derramam á noite, quando accesos, muita abundancia de luz. Esta obra de um desenho elegante e fórmas graciosas, foi feita na famosa fundição do Val d'Osne, em França, pelos riscos do architecto José de Magalhães.

No primeiro patamar dessa escada ha um nicho, um tanto acanhado aliás, para a imagem que nelle se vê, de S. Sebastião, o padroeiro da cidade do Rio de Janeiro. Esta obra d'arte, que sob o ponto de vista esculptural não é má, foi executada pelo finado professor Chaves Pinheiro.

A sala das sessões que está no primeiro pavimento, e ornada com simplicidade, a pintura é harmoniosa pela feliz combinação das meias tintas. A parte reservada aos edis é separada da do publico por uma balaustrada de madeira; nesse recinto reservado acha-se uma grande mesa em fórma de U circundada por 21 grandes poltronas correspondentes ao actual numero de vereadores. Todas estas peças são de canella escura, trabalhadas a fosco com muita arte e caprichoso acabamento. Ao fundo vê-se tambem dous grandes armarios de bello effeito.

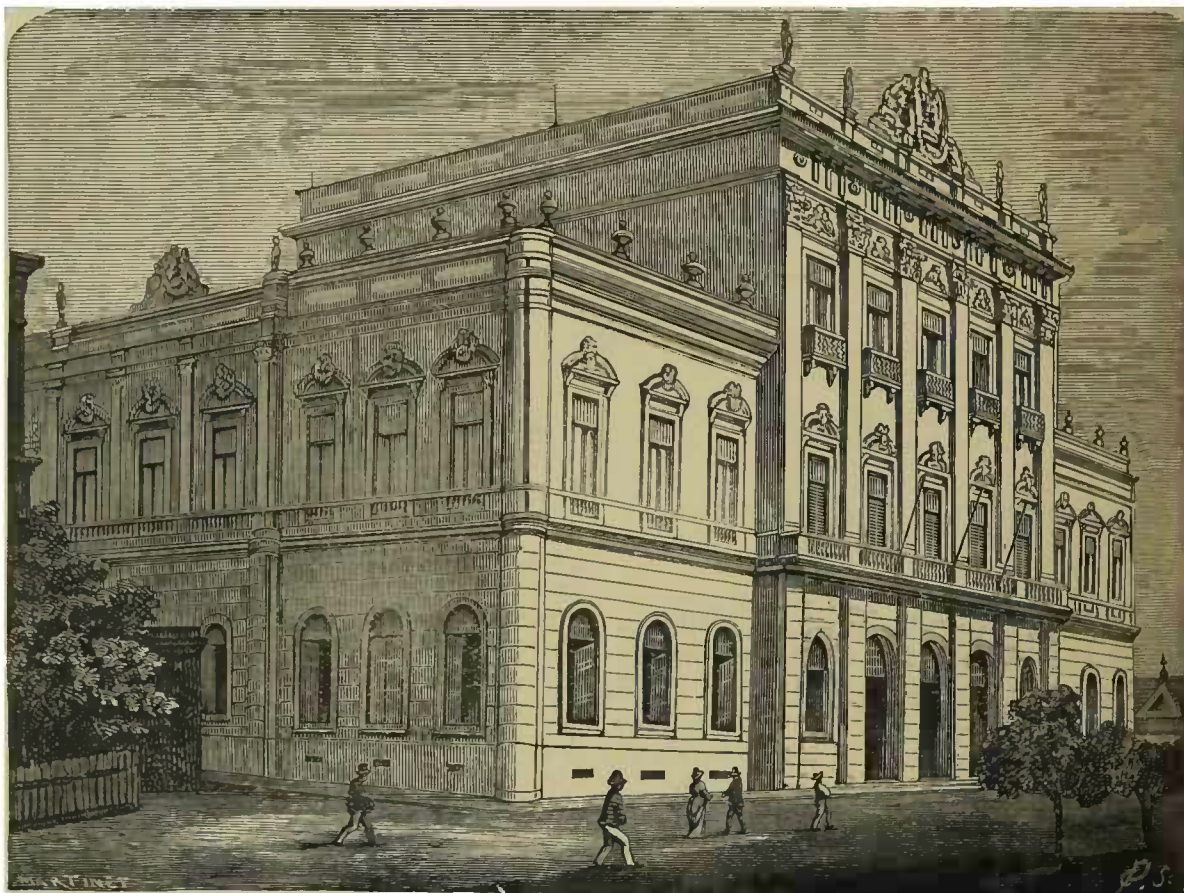
Nas paredes ha algumas télas de certo merecimento, como a da fundação da cidade pelo pintor fluminense Firmino Monteiro e o Imperador visitandooscholericos, de Moreaux.

A sala de honra, posta no segundo pavimento do corpo central, é ornada com gosto e riqueza. O colorido do tecto é talvez um tanto gritador, o baixo-relevo central é de assumpto mythologico e como tal dalli deveria ser banido; melhor por certo caberia um facto historico.

nenhuma dellas porém apresentam nada de notavel, pelo lado artistico.

O archivo, porém, encerra preciosidades bibliographicas, infelizmente entregues ao mais criminoso abandono.

No primeiro pavimento fica a sala da bibliotheca, exactamente sob a das sessões, occupando como esta, toda a extensão do edificio, do corpo que olha para a rua do General Camara. Esta bibliotheca, fundada pelo presidente Barroso, ha mais de 12 annos,



PAÇO MUNICIPAL

Nesta sala vê-se um grande retrato de Sua Magestade o Imperador, do artista Decio Villares, obra regular em seu genero.

Ha ainda neste pavimento as salas: do presidente, a do secretario e a do archivo;

não tem tido depois do iniciador nenhum incremento, acha-se estacionaria, senão em tal ou qual abandono identico ao do archivo.

F. F.

SECRETARIA DA AGRICULTURA

Acha-se situada na praça D. Pedro II, e consta de tres pavimentos, tendo de altura 20^m,5 e por base um quadrado de 38^m de lado, com frente para o becco de

S. José, praça D. Pedro II, rua de D. Manoel e lado do mar, representando a planta a fórma de T duplo.

Conta duas entradas principaes, com alpendres, e essas dando frente para a rua de D. Manoel e lado do mar.

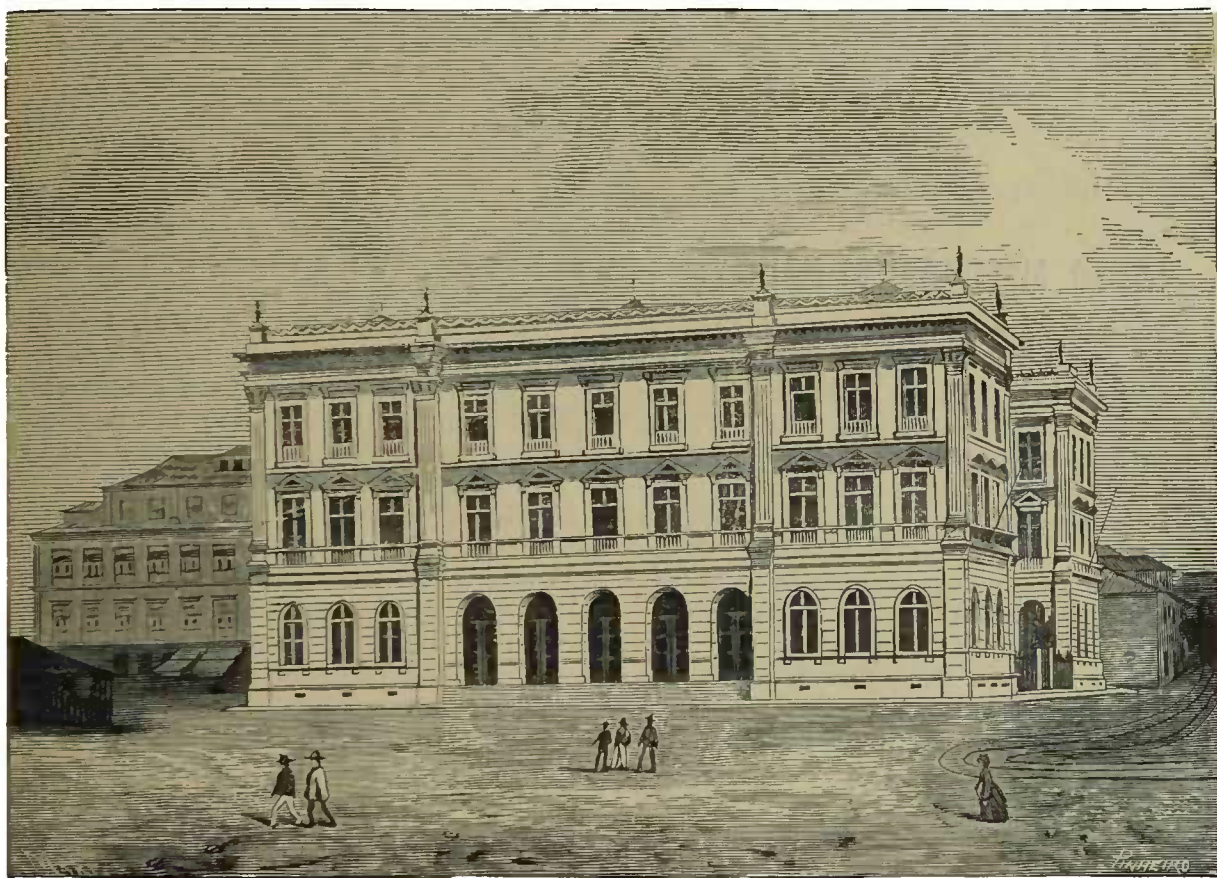
No primeiro pavimento, as quatro fachadas são revestidas de cantaria até o peitoril das

janellas, cujas vergas, bem como as das portas, são de arco pleno, tendo medalhões na parte inferior dos mesmos peitoris, terminando as fachadas em pilastras de ordem dorica.

No segundo pavimento e no terceiro, as faces do edificio são terminadas por pilastras estriadas, de ordem corinthia, e as janellas de verga recta, com cornija, sustentada no segundo pavimento por consolos, e coroadas por pontões, tendo peitoris e balaustres

de Dezembro de 1872, promulgado pelo illustre Sr. conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, de quem folgamos de transcrever as seguintes palavras do importante *Relatorio á Assembléa Geral* apresentado por S. Ex.^a na 4.^a sessão da 15.^a Legislatura (2 de Maio de 1875):

« Vasto, de notavel solidez, e nobre apparencia, esse edificio cuja construcção foi zelosamente fiscalizada pela Inspectoria Geral das Obras Publicas (sendo digno chefe



SECRETARIA DA AGRICULTURA

de marmore, e no terceiro por medalhões, com peitoris de grades de ferro.

O entablamento é de ordem corinthia, tendo no friso festões interrompidos por corôas entrelaçadas, terminando o edificio por um acroterio representado por lambrequins, com doze estatuas de terra cota.

Eis, com inteira fidelidade, reproduzidos apontamentos que nos foram obsequiosamente subministrados por engenheiro nacional, tão modesto quão habilitado; eis a succinta, mas exacta descripção do edificio, onde funciona, desde o dia 20 de Janeiro de 1875, a Secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, reformada pelo Decreto, n. 5512 de 31

desta repartição o tenente-coronel de engenheiros, Sr. Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim), presta-se excellentemente ao serviço da repartição que o occupa. »

Neste edificio, cujo plano primitivo é do distincto engenheiro, Sr. Dr. Francisco Pereira Passos, foi inaugurada, na administração do Sr. conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, a 2 de Dezembro do dito anno de 1875, a 4.^a *Exposição Nacional*, preliminar da *Exposição Internacional de Philadelphia* (Estados-Unidos), realizando-se, a 25 de Março do anno seguinte, ainda na administração do mesmo conspicuo ministro, a solemne distribuição das recompensas aos expositores.

No indicado edificio verificou-se, a 12 de Dezembro de 1881, na administração do Sr. senador José Antonio Saraiva, na qualidade de ministro da agricultura, a inauguração da *Exposição da Industria Nacional*; realisando-se o encerramento a 30 de Janeiro de 1882, occupando nessa época a pasta da agricultura, o Sr. conselheiro Mancel Alves de Araujo.

Na Secretaria da Agricultura igualmente se effectuaram as distribuições de premios:

A 2 de Dezembro de 1883 aos expositores de café na *Exposição de Berlim*; a 12 de Outubro de 1884 aos da *Exposição Industrial*

Brazileira e aos da *Exposição Continental de Buenos Ayres*; e a 8 de Setembro de 1885 aos da *Terceira Exposição*, promovida e organizada pelo *Centro da Lavoura e Commercio*, e aos da *Exposição de Nice e de Amsterdam*; sendo presididas pelos illustrados ministros Srs. conselheiros Affonso Augusto Moreira Penna, Antonio Carneiro da Rocha e Antonio da Silva Prado, actual senador do Imperio.

As solemnidades foram levadas a effeito com o valioso e efficaz concurso do *Centro da Lavoura e Commercio*.

G. BELLEGARDE.



EPISODIO DA CAMPANHA DO PARAGUAY

Um baile no acampamento

Era uma formosa noite; a lua bordava de tremulos arabescos de prata, e avivava em relevo enorme, a alvura das barracas semelhantes, caiadas com uniformidade, assemelhando-as a moles fantasticos de gelo engastados n'uma saphyra colossal; apparece-nos o acampamento cercado de seducções, inoculando-nos na alma e nos sentidos a magia de mil philtros invisiveis.

Viam-se em um vasto caramanchão officiaes de diversas categorias, desde o alferes de dezeseite annos até o general de quarenta.

Era um baile no 50º corpo de voluntarios da patria, offerecido a seu digno commandante por sua distincta officialidade; assim denominavamos essas reuniões.

Achavamo-nos á espera que os fornecedores preparassem as conducções, que deviam levar viveres para o exercito quando este se internasse na republica em perseguição do dictador Lopes, que diziam estar em Igua-temy, distante 276 kilometros mais ou menos da villa do Rosario, onde estavamos acampados.

Pelo habito a inactividade nos fazia mal; assim era preciso algum exercicio, razão de nunca acampar o exercito sem que do quinto dia em diante principiasssem os bailes.

Delicadamente convidado por um dos promotores do baile, não me fiz de rogado; á noite se não fui um dos primeiros, com certeza não me deixei ficar para ultimo, mesmo porque não gostava de perder nada do que occorresse nessas festas; confesso, sempre fui muito curioso.

A briza tepida da noite despertava melodias desconhecidas no coração, como se roçasse pelas cordas de harpa eolea.

A sala do baile era de uma trivialidade mais que modesta, o que me dispensa de descrevel-a, brilhando ella pela ausencia completa de ornamentações e douraduras: tudo estava substituido pelas ramagens e palmas de *manduivirt*.

Já havia principiado a festa quando ás dez horas, mais ou menos, transpoz a porta, e ligeira como uma *zabelé* vi atravessar a sala, uma rapariga; trajava vestido de seda verde-mar enfeitado de rendas creme; o corpinho todo formado de plissés dava-lhe uma graça extraordinaria no conjuncto de um porte esvelto e de extrema delicadeza.

Foi sentar-se junto a um alferes de cavallaria que estava na extremidade opposta da entrada, um joven de vinte e dous annos, moreno, olhos negros e grandes, elegante, ativo e resolutivo.

Tinha-se acabado de dansar uma quadri- lha; todos os olhares se voltaram para a encantadora rapariga; eu, porém, como observador, notei mais a entrada de outro personagem, um coronel de cavallaria, velho rio-grandense, que havia sido rebelde na guerra dos *Farrapos*, triste e taciturno, tendo estampado no semblante o desgosto causado por muitos soffrimentos moraes.

Sendo tenente-coronel da guarda nacional de uma das cidades centraes do Rio Grande do Sul, destacado nos limites do Brazil com a Republica Oriental, tinha sido victima de um amor adultero: sua mulher, rapariga de vinte annos, fôra seduzida por um comico de uma companhia dramatica; abandonára o lar, fugindo para Porto-Alegre e dalli para Buenos-Ayres; declarando-se a guerra com o despota do Paraguay,

foi um dos primeiros a solicitar para seguir em desaffronta da patria, e ver se encontrava no ardor dos combates, nas renhidas batalhas, a absorpção dos soffrimentos que o affligiam.

Foi esta historia horrenda que me contou um seu conterraneo com quem ligeiramente conversei a seu respeito.

Ella era branca de alabastro e franzina; realçavam-lhe o encanto indizível bastos cabellos de ebano, aonde se reflectiam todas as cambiantes de luz á branda chamma de uns olhos grandes, aveludados, escondidos por instantes sob a rama densa das pestanas, despedindo fogos penetrantes; deslumbram pela alvura as perolas dos dentes, esmaltando-se nos labios humidos e vermelhos, que têm a frescura da rosa.

Era assim o lindo par do alferes de cavallaria, ou a rainha do baile como a appellidaram.

Volteavam loucamente no frezei de uma mocidade voluptuosa, entregues um ao outro; pareciam um só sêr em dous corpos.

Penalisado pela narrativa que tinha ouvido momentos antes, cheguei-me até o coronel, e, me parecendo poder prestar-lhe um serviço distrahindo-o, procurei opportuniidade, e lhe disse na occasião em que passavam o alferes e seu lindo par:

— Que mimosa rapariga, coronel!

Rapido como um relampago levanta-se, como forçado por uma pilha electrica, e responde:

— Diga antes louca, meu amigo; previno-o que deve fugir ás seducções desta belleza; seu contagio queima como fogo; ella é como a sensitiva em tardes de verão, que matiza as campinas com suas flôres brancas, suaves e cheias de singeleza, e occulta por baixo dos ramos os espinhos que têm de ferir o incauto que nella tocar; fuja, meu amigo, de seu olhar encantador, da faceirice de seus gestos, se não quer soffrer como eu soffro: aquelle corpo, franzino e quebradiço como a hastea do lirio, contém um coração de demonio.

Já não era o desgosto, que havia feito o coronel seguir para a campanha, a nota predominante de sua tristeza; realmente apaixonado por Antonica, lindo par de valsas do alferes de cavallaria, o pobre velho era obrigado a deixar o somno confortavel da noite para estar em um lugar onde tudo lhe aborrecia; ralado de ciumes, ferido seu amor proprio pela preferencia de outros, seus olhos lívidos pareciam de um embriagado: a insomnia, o pensamento cheio de mil attribuições fantasticas aniquilavam seu corpo forte e robusto.

Emquanto que ella, alegre e contente, cercada de dezenas de adoradores, parecia deitar em leilão sua belleza.

Aqui um grupo fazia commentarios do procedimento do alferes de cavallaria, emquanto alli outro elogiava a belleza de Antonica; este pretendente a um olhar terno, a um sorriso da deosa, e aquelle despeitado pela indifferença com que era tratado.

Os rapazes que não se occupavam na critica, esses deixavam a dansa para ir ao botiquim tomar vinho do Porto ou algum refresco, e voltavam ao som da musica annunciando uma polka ou quadrilha; eram bem felizes: divertiam-se a fartar sem outra occupação.

O baile continúa, tocando ao delirio de uma alegria sem limite; a confusão é a nota harmoniosa da festa.

As praças desvelavam-se em bem servir os ho;pedes, dizendo baixinho umas ás outras: « E' necessario não ficar nada a desejar-se no baile do nosso commandante e amigo; que os couvidados vão satisfeitos e nossos officiaes sejam contentes; » e de um para outro lado andavam com bandejas e licoreiros a offerer o conteudo, com tal sollicitude e amabilidade irresistiveis, pareciam mestres do officio de copeiro.

Emquanto' tudo isso se passava no salão do baile, perto, fóra de suas barracas, via-se aqui um grupo de soldados tocando violão e cantando as classicas *modinhas* do norte do Brazil, enquanto alli outro, de viola em punho, acompanhava a dous pernambucanos que em quadras ritmadas cantavam em desafio; deleitavam-se, alegrando uma massa enorme de companheiros dos acampamentos circumvizinhos, que com licença de seus commandantes assistiam a festa do 50º de voluntarios; dando gargalhadas, estimulavam assim o que tinha de responder o verso; as intermittencias que havia eram sómente para alguma explicação da rima, ou para confortar a garganta e corroborar as fibras, como diziam, com algum gole da *sinhásinha*, nome que davam á aguardente.

Tudo era alegria. E' impossivel que o limpido luar daquella noite não tivesse deliberadamente sido escolhido por Deos: eram quatro horas e ainda sua claridade não tinha desaparecido, quando o corneta do commando em chefe do exercito tocou o primeiro toque da alvorada; a quadra ficou em meio; a ultima nota da—*Armia, meu bem*—não foi despreendida; lesto levantaram-se todos ao chamado dos sargentos, que em altas vozes gritavam:

— Chega á fórma; está acabada a festa!

A musica tinha cessado de tocar no caramunchão, e se viam pressurosos todos a tomar seus destinos; ainda o corneteiro não havia dado o segundo toque, já o lugar de tanto ruido estava ermo e solitario.

Os batalhões formados se achavam de *alarma*, todos os officiaes em seus postos, excepção feita do alferes de cavallaria, que pediu dispensa a seu commandante, dizendo-se incommodado.

Oito dias depois dessa festa passava eu pelo acampamento de cavallaria, quando ouvi chamar-me pelo nome; voltei e conheci o velho coronel: tinha a physionomia alegre e parecia haver rejuvenescido; apertando-me a mão com effusão, convidou-me a apear; accedendo a seu amavel convite, conduziu-me para sua carpa de palha; quando

alli entrei vi uma joven, que logo reconheci ser a rainha do baile do 50º de voluntarios.

O coronel dirigindo-se até ella apresentou-me, como um dos moços com quem mais havia sympathisado desde a primeira vista, em quem tinha reconhecido qualidades dignas de consideração e de particular estima; e, voltando-se para mim, disse:

— A Sra. Antonica Avellar, uma das moças mais intelligentes do nosso acampamento, a belleza mais desejada e que possui o melhor dos corações.

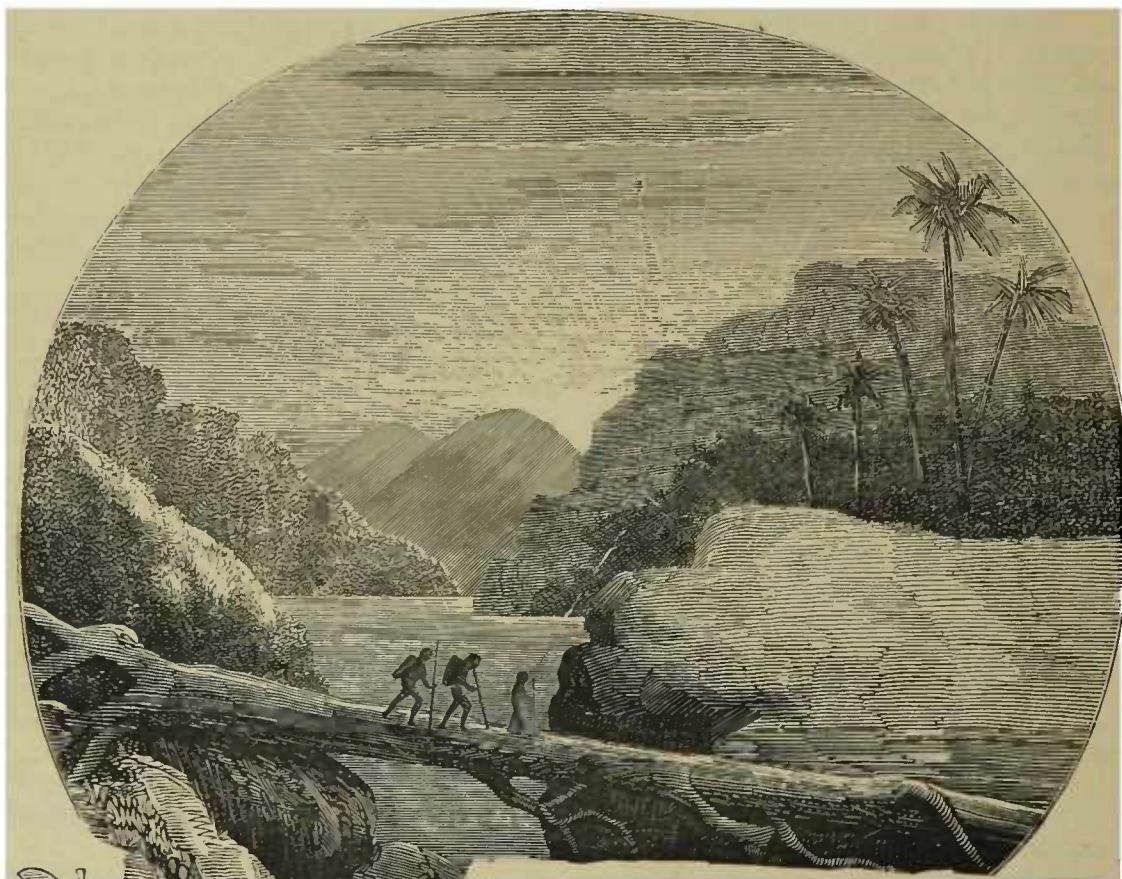
Ella rindo-se maliciosamente, calculadamente redarguiu:

— Nem sempre o senhor terá ouvido o coronel fallar deste modo

Era uma verdade. *Tempora mutantur!*

F. F. ARAUJO.

VALLISNERIA



E

de uma riqueza hydrographica aquella região onde impera soberano o Rio Doce ¹.

E a civilização pouco tem della aproveitado ².

¹ Rio Doce.—Na chapada central proximo da cidade de Ouro Preto, segundo uns, de mais longe, proximo

E é o indigena descendente do ousado Ay-moré, o dominador daquella uberrima zona, onde nada lhe falta, onde expontaneamente

de Barbacena (12 leg. a E), segundo outros, nasce este importante rio, que buscando a principio a direcção do N., inclina-se depois para E., e percorrendo por um alveo de penedias, saltando sobre ellas, formando cachoeiras, algumas como a dos Oculos com 1. metros de altura, deixa a provincia natal e entra na do Espirito Santo, onde, depois de galgar a famosa cachoeira das Escadinhas, que tem cerca de 6 kilometros de extensão, caminha por plano menos accidentado até penetrar no

brotam arvores fructíferas e arbustos alimeticios, onde a caça de alta montaria pasta em abundantes manadas, onde a caça aligera transita em todos os pontos, onde a mata mais cerrada offerece o mais seguro escondrijo.

E o homem civilisado só alli vai ou para devastar aquellas arvores, que seculos e seculos deram a admiravel corpulencia que ostentam, ou para tornar o selvicola mais arredo e feroz.

E é aquella região hydrophila como é a que é beijada pelas brizas que se redomoinham partindo da bahia de Hudson.

Bem se poderia tambem chamar aquelle paiz, —a região dos lagos.

Relativamente nem a bacia do Amazonas é mais abundante delles.

E que lindos lagos pagam tributo constante ao Rio Doce!

Alguns gigantes como de Aguiar e o do Juparanã, outros tão pittorescos como os mais pittorescos da Helvecia.



Semelhante a um palacio immenso, cujas salas se abrem para outras salas e destas

Oceano, inundando grande zona, que se offerecerá fertilissima á agricultura quando o homem, com os recursos que a sciencia lhe offerece, quizer tirar della todo o proveito possivel.

E' na margem direita do baixo Rio Doce que existe a lagôa em que se tem de passar o dramasinho que faz o assumpto destas paginas.

2 Apesar da riqueza natural e immensa dessa vasta região, as margens do Rio Doce são quasi desaproveitadas para lavoura. A extracção da madeira quasi que é a unica industria ahi posta em jogo. A navegação facilissima até o Porto de Souza (32 leguas acima da fôz), o ultimo povoado antes de entrar em Minas, ainda hoje não está definitivamente montada, no entretanto que um projecto e distincto governador, o Dr. Antonio Pires da Silva Pontes, que dirigio os destinos da então capitania de 1800—1804 a iniciou depois de ter explorado o rio, levantado plantas, fundado quartéis e demonstrado as vantagens que esse territorio poderia dar.

No entretanto o imperio creado em 1522 já tem 66 annos!...

para salões, e dos salões passa-se para camarins e antecamaras, e mais compartimentos sem numero, a lagôa de Aviz, por um capricho natural, dá nascimento a um systema de lagôas que se enfecham umas nas outras por emmoldurações de esmeraldas!

Era no mais pequeno daquelles lagos, mais pequeno que o das Piabas, ainda mais que o do Meio.

E talvez por ser o menor, era o mais poetico.

Dir-se-hia que uma gigantesca e bem lapidada saphyra se entalhára naquella depressão do solo atapetado das mais exquisitas

florinhas — tão tranquillias eram aquellas aguas.

O sol dardejava do zenith, mas sua luz coando-se por entre as verdes folhas do bosque circumvizinho, perdia o brilho aspero e incommodo que tem em outros lugares mais ao norte.

Tinha um toque suave aquella re-

verberação. As flores, as mais variegadas que rodeavam em successivas moitas aquella bacia, as plantas aquaticas que dentro della vicosamente vegetavam, tornavam-n'a de apparencia magica.

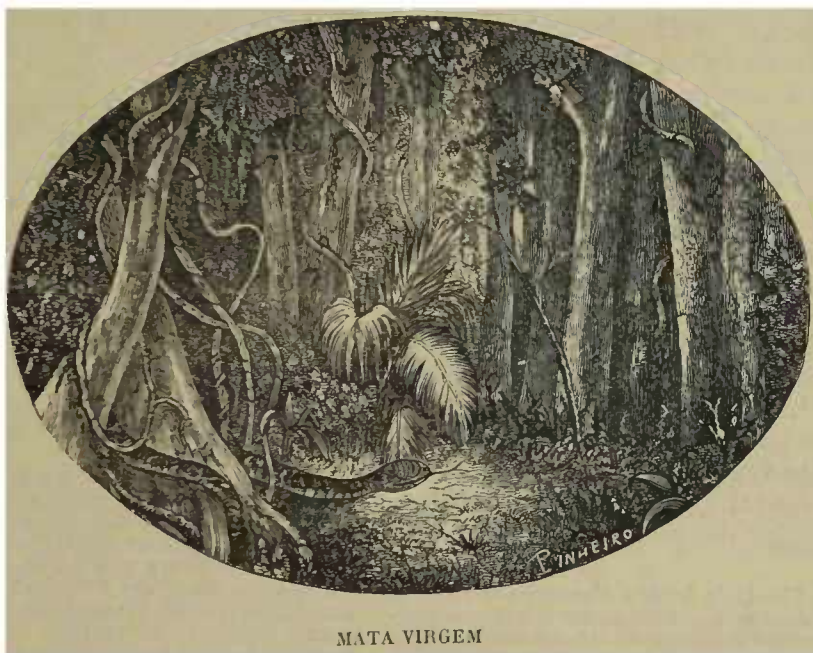
Nem nas margens do Amazonas expargio Deos vegetação mais luxuriante.

Se Motta, com a maestria de seus pinceis reproduzisse um fragmento daquella paizagem, Gomes de Amorim illudir-se-hia crendo ser a mesma que já decantára.

A primavera reinava em toda a plenitude.

O céu era mais limpido que o olhar de uma casta donzella irlandeza.

Tudo parecia nadar em venturas, do céu ás montanhas que se azulavam lá nas ribas do occidente; da flora opulenta á fauna estrepitosa; das aguas ceruleas nos espaços que as nymphéas deixavam descobertos, até á nuvem, que a viração branda cardava em flocos de prata.



MATA VIRGEM

Tudo parecia tranquillo e no entanto, sem que um homem por alli vagueasse, sem que uma joven mulher augmentasse a poesia desse *pleonasmo de grandezas*, um romance desenrolava-se naquella solidão como do alto do Itamaraty a formosa cascata que lhe dá o nome.

E não era um romance de felicidades inesgotaveis, como são os dos sonhos das donzelli-nhas de treze annos, das meninas na idade em que conspiram contra o vestidinho curto e o uso da calça; era um romance de amarguras como os dos pobres proletarios que suspiram pelas filhas dos capitalistas.

E o protagonista era uma flor, não amada por um homem, como a *Picciola* de Xavier Saintine, sim amada por outra flor, que gemia dolorosas endechas vendo fanar-se uma á uma as esperanças de seu coração.

Não ria-se o leitor; as plantas vivem, as plantas sentem, as plantas amam.

Até ha plantas que atraçoam vingando-se.

Duvida?

Examine a *vaucheria*, que, na época da fecundação, desprende de si corpusculos guardados de cilios que nadam perfeitamente até encontrarem um ponto de apoio, onde se apegam, perdem a mobilidade e metamorphoseam-se em vegetal semelhante ao que lhe deu o sêr³.

Depois disto poder-se-ha dizer que a *vau-cheria* sómente vegeta?

Quer um vegetal que sente? A *sensitiva*, essa imagem fiel da pudicicia, que se con-

3 *Vaucheria*.—Planta da familia *Fucaceis*, ordem das *Algas* que se distingue por filamentos tubulosos contendo granulos verdes munidos de cilios vibrateis, que se agitam nas aguas até se fixarem nos corpos circumdantes onde se alongam em novos filamentos. Habitam as aguas estagnadas da Europa. Seu nome foi dado em honra do botanico Vaucher, que primeiro a estudou denominando-a *Ectosperma*.

frange ao menor contacto, que se retrahê timida e bella até mesmo quando o orvalho vivificador ornamenta de perolas seus delicados folliculos, esse arbusto conhecido de nós todos, que, como nós, necessita do somno para reparar as forças, como a criança medrosa assusta-se ao presentir o galopar do corsel, estremece quando nuvem pesada obscurece o sol a que ella se aquecia, e pôde morrer subitamente se receber um brusco choque electrico⁴.

Planta que se vingá?

A *dionéa*, que offerecendo á voracidade dos insectos um abundante mel que fabrica, por intermedio dos cilios, que guarnecem-lhe as folhas, prende e aperta o insecto inexperiente que busca acceitar a offerta capciosa, e só estende suas folhas e cilios quando a victima demonstra pela falta de movimento ter cessado de existir⁵.

Agora o exemplo de vegetaes que amam? Leia-se esta phantasia.

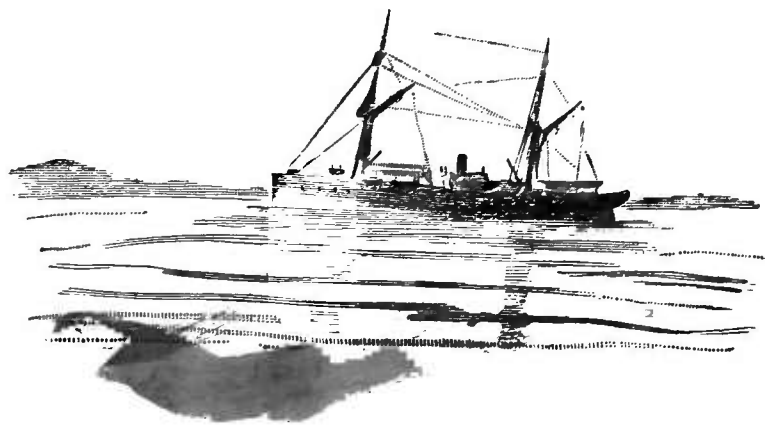


(Continúa.)

R. DE S. PAIO.

4 *Sensitiva*.—Nome vulgar porque é conhecida uma especie de plantas do genero *Mimosa*. E' abundante e bem conhecida entre nós este curioso vegetal das duas Indias, cujos phenomenos de sensibilidade tem sido objecto de estudos e numerosas observações.

5 *Dionéa* (do grego *Dioné*—Venus)—Curiosa plantinha dos brejos da America do Norte, cujas folhas compostas de um largo peciolo terminado por um lindo franjado de longos pellos duros e agudos, tem a propriedade de dobrar-se ao menor contacto, resultando disso aprisionar a mosca ou outro insecto que nelle pouse; dahi o nome—*apanha moscas*—que tambem tem (*Dionéa muscipula*).





Parrhazio e Zeuxis, celebres pintores da antiguidade, disputaram entre si qual delles ganharia o premio pela perfeição de seus quadros. Zeuxis tinha representado alguns cachos de uvas de uma maneira tão natural, que os passaros as vinham picar. Parrhazio havia pintado uma cortina com tanta perfeição, que Zeuxis ao vê-la exclamou:

— Levantai essa cortina para que possamos vêr o vosso quadro.

Confessou-se vencido e disse:

— Zeuxis enganou os passaros; mas Parrhazio enganou o proprio Zeuxis.



O homem tendo a mulher feia, tem a alma segura.



Em 1666 o intrepido paulista Antonio Raposo á frente de 60 homens brancos e outros tantos indios atravessa o Brazil de sudueste a noroeste, e escalando os Andes chega ao Perú; penetra este paiz e sulca as aguas do Pacifico. Dahi retrocede, atravessa de novo as regiões Andinas, o Amazonas, e navegando o *Guaporé*, volta a S. Paulo após alguns annos de ausencia.

Tão longa viagem, tantos trabalhos e perigos porque passou, e enfermidades que o acommetteram, de tal fórma lhe transformaram o physico que não foi conhecido por parentes e amigos.



Jamais teve o mundo tantos, que ensinasse virtudes, como agora; e nunca houve menos que se dessem a ellas.

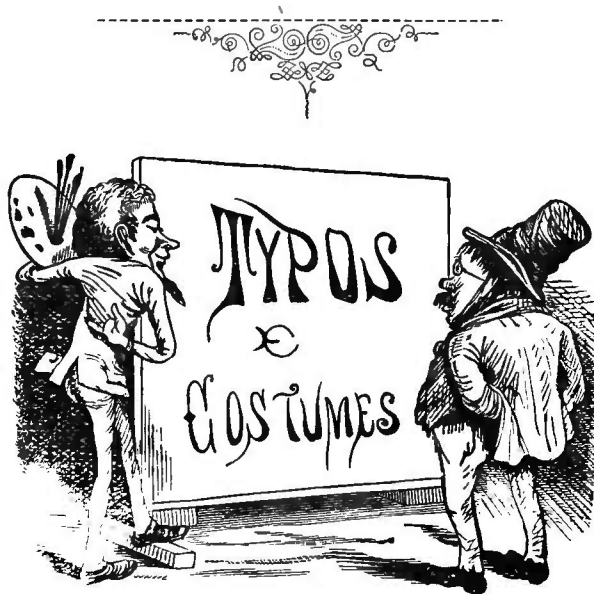


O coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza foi quem primeiro descobriu em 1767 os padrões de pedra com as armas de Portugal levantadas por Martin Affonso de Souza na barra de Cananéa a 12 de Agosto de 1531.

Em 1841 o visconde de Porto Seguro rati ficou essa descoberta.



A antiga villa, hoje cidade de Paraty que fazia parte da provincia de S. Paulo, foi por carta regia de 16 de Janeiro de 1763 incorporada á do Rio de Janeiro.



A preta mina

E' um dos typos mais bem acabados da raça africana; com razão Biard denomina as mais bellas Venus da Africa; algumas ha, com effeito, que, na sua especie, são dignas de servir de modelo plastico.

A preta mina é em geral morigerada, briosa e economica; mais ainda é tambem mõi exemplar. Rara é aquella que, livre ou escrava, não apresentou sempre filhos distinctos pelo comportamento e robustez physica.

Em geral a maior parte dos crioulos de certa educação e apreciavel character são filhos de preta mina. Relativamente são asseiadadas, cuidadosas e diligentes.

No baixo commercio, muitos portuguezes fizeram fortuna com auxilio das pretas minas, a que se ligavam. Um taverneiro conheci, que, contrahindo uma dessas ligações, vio crescer rapidamente os seus bens, pois enquanto mourejava em seu negocio, a companheira, na mesma praça em que elle era

estabelecido, quitandava e dirigia escravas suas, compradas com os resultados de sua quitanda.

Tiveram filhos, e tanto os de um como os de outro sexo afizeram-se ao trabalho; por morte dos progenitores herdaram uma fortuna superior a 200:000\$, que fazem hoje progredir sob a mais cuidadosa administração.

Um vendedor de lenha, puxador de carroça, ligando-se também a uma dessas pretas minas que vendem fructas, tanto se identificou com este negocio, que mais tarde tornou-se o maior importador de fructas e gelo;



PRETA MINA

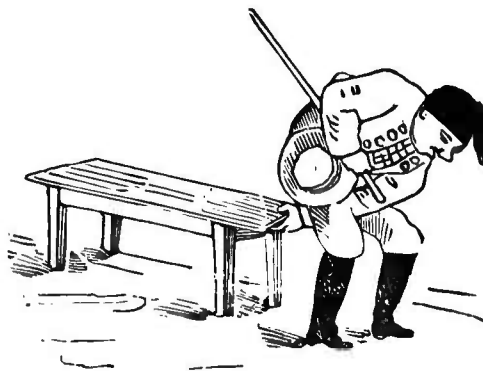
legou por sua morte avultada fortuna, da qual deixou em parte como usufructuaria enquanto viva a companheira, que poucos annos o sobreviveu.

O typo representado pela nossa gravura é justamente o de uma dessas mercadoras, carregando o filho ás costas, typo este que se encontra em quasi todas as obras illustradas dos viajantes do Brazil, e que de todos tem merecido particular attenção e serios gabos.

FLUMINENSE.

AS PREOCCUPAÇÕES

Vinha de longe e vinha *bolando* uma barganha: a de quatro cevados pela mula russa do compadre; por isso, entrando, foi ver uma mesasinha e puxar por ella para sentar-se.



Não reparando que fôra o tampo e não a mesa que se deslocára, sentou-se commodamente, e todo risonho ia a dizer, como se alli estivesse o compadre:

— Ande lá, que quem lucra com o negocio é vossê; quatro cevados por um burrego!



Ia a dizer. quando ..



sentou-se contra a vontade, no chão, com a imaginaria barganha.

O que fazem as preocupações!